

As narrativas das crianças do Infantil V sobre o que elas gostam e não gostam na escola

Maria Vanderlane Silvaⁱ 

Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, CE, Brasil

Andrea Abreu Astigarragaⁱⁱ 

Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, CE, Brasil

1

Resumo

O principal objetivo do artigo foi descrever e investigar através das narrativas de quinze crianças da Educação Infantil V "B" em um Centro de Educação Infantil – CEI - sobre o que elas mais gostam e menos gostam na escola. A coleta de dados foi realizada nos meses de outubro e novembro de 2019, antes da pandemia do Coronavírus (covid-19). O procedimento metodológico inspirado em Passeggi e Lani-Bayle (2014), Conti e Passeggi (2014) e Furlanetto (2014), ou seja, o protocolo do boneco em forma de extraterrestre que visita a escola e “conversa” com as crianças. Assim, foi possível pensar sobre a infância vivida por elas na escola, deixando claro a importância da escuta sensível sobre o processo formativo das crianças para que existam possibilidades de modificação nas práticas docentes onde o professor considere o que a criança diz em seu processo de aprendizagem.

Palavras-chaves: Crianças. Escola. Narrativas.

The Infantil V children's narratives about what they like and dislike regarding school

Abstract

The main objective of the article was to describe and investigate through the narratives of fifteen children of kindergarten V "B" in a Child Education Center - CEC - about what they like most and least at school. The data collection was carried out in October and November 2019, before the Coronavirus pandemic (covid-19). The methodological procedure inspired by Passeggi and Lani-Bayle (2014), Conti and Passeggi (2014) and Furlanetto (2014), that is, the protocol of the alien-shaped doll that visits the school and "talks" to the children. Thus, it was possible to think about the childhood experienced by them at school, making clear the importance of sensitive listening to the children's formative process so that there are possibilities of modification in teaching practices where the teacher considers what the child says in his learning process.

Keywords: Children. Narrative. School.

1 Introdução

A partir da monitoria na disciplina de História Social da Infância, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, a professora orientadora me convidou para ser bolsista de Iniciação Científica e Tecnológica - FUNCAP. Assim iniciou a minha formação acadêmica na pesquisa sobre a temática da infância, no projeto: Narrativas (auto)biográficas das crianças em espaços escolares e não escolares sobre ser criança, viver a infância, escola e processo ensino-aprendizagem. A pesquisa qualitativa, com abordagem em narrativas de crianças, utilizou como procedimento metodológico as rodas de conversa com grupos de crianças. O protocolo de pesquisa foi inspirado nos procedimentos de Passeggi e Lani-Bayle (2014), através de um boneco em forma de Extraterrestre que “perguntou” as crianças o que é escola. A coleta de dados foi realizada nos meses de outubro e novembro de 2019, em um Centro de Educação Infantil, em um bairro em um município no interior do estado do Ceará – CE.

Investigamos as narrativas de quinze crianças sobre o que elas mais gostam e menos gostam no Centro Educação Infantil V “B”, da Rede Pública em um Bairro em um município no interior do estado do Ceará – CE, visando compreender a reflexividade narrativa que elas apresentam. Pois, quando as crianças são sujeitos participantes do ato educativo, ouvindo-as, notando as sugestões e as contribuições que elas podem oferecer ao processo de aprendizagem. Esses fatores redirecionam o professor a trabalhar na perspectiva das crianças fazendo delas seres reflexivos e mediadores do ato pedagógico. Entendemos, de acordo com Rosado e Campelo (2010, p. 239):

[...] que as crianças possuem e constroem saberes, têm visão de mundo que, se explicitadas e mediadas, podem tornar-se elementos importantes da investigação científica. Nesse sentido, discutir os saberes infantis sobre a escola assume relevância, principalmente na perspectiva teórico-prática, ou seja, se as formulações teóricas se aplicarem à prática [...], possivelmente tornarão os alunos partícipes efetivos do processo.

Tento em vista a capacidade reflexiva e cognitiva das crianças, que denota saberes expressos sobre o mundo, oportunizá-las ao diálogo e à escuta dentro do espaço escolar, poderá contribuir satisfatoriamente no redirecionamento das práticas docentes, além de tornar a escola um espaço democrático, que dá voz e vez aos

seus atores sociais, no caso, as crianças. Tratando-se sobre as vozes das crianças no espaço escolar, Brostolin e Azevedo (2021, p. 11), afirmam que:

Desenvolver a escuta infantil é uma proposta que deve estar presente em várias instâncias da sociedade, no entanto, ela se torna necessária no contexto educativo, uma vez que os espaços institucionais, especialmente os da Educação Infantil, são muitas vezes, onde as crianças passam a maior parte de seus dias; portanto, devem ser abertos ao diálogo e à participação efetiva das crianças, em seus cotidianos e em suas rotinas.

3

A partir de 1990, estudos sob os princípios da Sociologia da Infância ganham força no Brasil, sendo decorrentes de estudos desenvolvidos por pedagogos e sociólogos (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010). Tais estudos têm contribuído para um novo entendimento sobre as crianças e seus modos de atuação na sociedade. Dessa forma, a presença da Sociologia da Infância vem corroborando para novos entendimentos, novos questionamentos e novos estudos sobre a atuação e participação das crianças na sociedade, especialmente no contexto educativo. Para Sarmento (2005), foi a partir da desconstrução desse conceito de socialização e da nova perspectiva apresentada pela Sociologia da Infância, que as crianças passaram a ser percebidas como “seres sociais plenos, dotados de capacidade de ação e culturalmente criativos” (p. 374).

É nessa ótica que Corsaro (2011, p. 31) considera que a Sociologia da Infância rompe com o conceito de socialização apresentado por Durkheim e inaugura o conceito de “reprodução interpretativa”, o qual entende que “as crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações”.

Portanto, o principal objetivo do artigo foi descrever e investigar através das narrativas de quinze crianças da Educação Infantil V “B” em um Centro de Educação Infantil – CEI - sobre o que elas mais gostam e menos gostam na escola.

2 Procedimento metodológico

A metodologia da pesquisa foi qualitativa, com abordagem em narrativas de crianças. Tem como principais autores (a) ligados à sociologia da infância, entre os quais destacamos: Sarmiento (2008); Cohn (2005); Rabello de Castro (1998); Dornelles e Bujes (2012); e à pesquisa (auto)biográfica: Passeggi (2014); Delory-Momberguer (2008).

De acordo com Barbosa (2006) a pesquisa, caracteriza-se como uma prática rotineira, empobrecida, na qual pouco se ouvia as crianças, desconsiderando suas falas, suas necessidades de falar e ser ouvida. Essa rotina é uma categoria pedagógica da Educação Infantil (EI), que atua como organizadora da vida coletiva diária de creches e pré-escolas, mas que, nem por isso, precisa ser repetitiva, ou seja, realizada da mesma forma todos os dias.

Qvortrup (1991) citado por Corsaro (2011, p. 58) ressalta que a pesquisa que envolve crianças torna-se “[...] essencial para identificar os fatores que contribuem para a diversidade da infância e da vida cotidiana infantil”. A partir da inserção das crianças como sujeitos participantes nas pesquisas e não como meros objetos, elas passaram a ser vistas e reconhecidas “[...] como atores sociais em seu próprio direito, e os métodos são adaptados e refinados para melhor ajuste às suas vidas” (CORSARO, 2011, p. 57).

A pesquisa com crianças tem sido utilizada e desenvolvida pelos pesquisadores durante o processo de investigação dos dados que compõem e irão formar às narrativas das mesmas. E se caracteriza pelo contato direto com os atores sociais da pesquisa, no caso, as crianças. Destarte disso, Pinheiro e Goldberg (2017), defendem uma pesquisa com a criança: “[...] que resgate e proporcione o processo em que, por meio da narrativa, oral [...], a criança se conte, [...] e se revele” (p.141). A pesquisa com as crianças: “[...] busca compreender e estudar a criança a partir de seu próprio ponto de vista”. (PINHEIRO; GOLDBERG, 2017, p. 142).

A Sociologia da Infância mostra-se um espaço fértil na pesquisa com crianças, colocando vários desafios em relação aos desenhos metodológicos e na interpretação de diferentes instrumentos de investigação como forma de escutar as crianças por meio de suas próprias linguagens e formas de compreender o mundo. Observando-as em seu contexto, percebendo suas interações numa perspectiva

interpretativa e crítica, assegurando que sua participação se torne audível e visível em suas dinâmicas (FERNANDES; TREVISAN, 2018).

A roda de conversa se organizou em função da presença de um boneco em forma de Extraterrestre em visita à escola e se desenvolveu em três momentos:

5 1- Abertura: o pesquisador apresenta às crianças o pequeno Alienígena (boneco fantoche) que vem de um planeta onde não tem escolas e deseja que as crianças contem tudo o que sabem sobre a ela. Pesquisador: - Gente, vocês gostam de amiguinhos novos? Se eu trouxesse um amiguinho novo, para conversar com a gente, vocês o receberiam aqui? Ele está escondidinho aqui, eu posso trazê-lo para cá? Olha aqui onde ele está! Ele veio lá do planeta dele, longe, longe, viajou, viajou até chegar aqui para conhecer vocês! E ele veio perguntar para vocês; o que é escola?”

2- Diálogo: as crianças falam espontaneamente sobre a escola e o pesquisador privilegiou perguntas, dentre a que mais me chamou atenção e que se tornou a temática de estudo para desenvolver esse artigo foi: “O que você gosta e não gosta na escola?” Na roda de conversa foram feitas entrevistas narrativas com as crianças, gravadas em vídeo, transcritas e submetidas à análise.

3- Despedida - A criança se despede do E.T - Alien que deve voltar ao seu planeta. Elas podem enviar, livremente, uma mensagem ou um desenho, para as crianças do planeta do E.T – Alien.

Desse modo, construímos um espaço lúdico para a pesquisa com as crianças, ressaltando, que no brincar as crianças representam emoções e conflitos que muitas vezes não consegue se expressar verbalmente, dessa forma, apostamos também na utilização do boneco fantoche em forma de Extraterrestre para a recolha dos dados com as crianças. Pois, acreditamos que esse mecanismo lúdico colabora para que a criança explore e desenvolva seus processos de comunicação e linguagem na referida pesquisa.

Nas narrativas das crianças, elas apontam que gostam de brincar com os colegas e falam sobre algumas brincadeiras em coletivo, como por exemplo, brincar de pega-pega, pular corda, jogar bola, rodinha, brincar no balanço que tem no parquinho da escola na hora do recreio. Segundo Fortuna (2013; 2018), os

educadores precisam compreender que brincar é uma atividade fundamental no ser humano, porque funda o humano em nós. Aquilo que define o ser humano – inteligência, criatividade, simbolismo, emoção e imaginação, para listar apenas alguns de seus atributos – constitui-se pelo jogo e pelo jogo se expressa.

Nesse sentido, o jogo desenvolve o cognitivo da criança, uma vez que é uma brincadeira que requer atenção. Através do jogo as crianças vão construindo novas ações e o sistema de regras, que definem a perda ou o ganho. Nem todos os jogos e brincadeiras são sinônimos de divertimento, pois, quando a criança perde o jogo pode ocasionar sentimento de frustração, insegurança, rebeldia e angústia. Assim, os jogos e brincadeiras podem ajudar no processo de construção do conhecimento, quando incluem atividades que favoreçam a troca de sugestões e opiniões das questões e criam situações para o desenvolvimento da autonomia.

Portanto, umas das formas de estimular a imaginação das crianças é o desenho, durante a pesquisa as crianças davam um abraço no Extraterrestre (boneco fantoche) e cada uma fazia um desenho para o mesmo levar de lembrança para o seu planeta. É importante ressaltar que o desenho é fundamental no desenvolvimento da escrita pois é o início do processo de evolução. Entretanto nos perguntamos, o que a criança aprende com os desenhos? A resposta é que através do desenho a criança tem a interpretação do mundo em que vive e percebemos que muitas das crianças fizeram o desenho do Centro de Educação Infantil e do próprio Extraterrestre de presente para o mesmo. De acordo com as informações mencionadas, quando a criança desenha, ela registra a sua interpretação sobre o mundo em que vive e o desenho é um dos estágios da evolução da escrita.

3 Resultados e Discussões: narrativas das crianças do Infantil V

As crianças não são passivas frente ao conhecimento, isto é, elas interagem, fazem relações das suas vivências com o conhecimento mais amplo. Para tanto, perguntam, projetam, pensam sobre as relações com o mundo físico, social, constituem-se na relação. Verdadeiros pesquisadores, cientistas, filósofos, sujeitos linguageiros. Assim como lembra Oliveira (2010, p. 5)

[...] as experiências vividas no espaço de Educação Infantil devem possibilitar o encontro de explicações pela criança sobre o que ocorre à sua volta e consigo mesma enquanto desenvolvem formas de sentir, pensar e solucionar problemas. [...] Não se trata assim de transmitir à criança uma cultura considerada pronta, mas de oferecer condições para ela se apropriar de determinadas aprendizagens que lhe promovem o desenvolvimento de formas de agir, sentir e pensar que são marcantes em um momento histórico.

7

Desse modo, o processo de escuta das crianças é importante para conhecê-las melhor, compreender suas necessidades, seus pontos de vista sobre o mundo ao seu redor e desenvolver essa escuta infantil torna-se necessária no contexto educativo pois, os espaços institucionais em especial os da Educação Infantil, são muitas vezes, onde as crianças passam a maior parte de seus dias.

A partir das respostas das crianças do Infantil 5 B sobre o que é bom na escola ressalta-se que “Gosto de brincar no recreio de bola com o Mateus e o Miguel”, “Eu gosto de estudar para aprender a ler”, “Eu gosto de matemática para fazer a avaliação”. Essas respostas nos fazem pensar sobre a relação entre os princípios pedagógicos, e legais da educação infantil, princípios legais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na educação infantil e a prática pedagógica da escola pesquisada.

Educação Infantil e Direitos de Aprendizagem; conviver, brincar, participar explorar, expressar e se conhecer, esses são os seis direitos estabelecidos pela (BNCC), são eles que asseguram as condições para que as crianças “aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, o outro, o mundo social e natureza”.

Campo de Experiência na Educação Infantil de acordo com a Base Nacional Comum Curricular; o eu, o outro e o nós, corpo, gestos e movimentos, traços, sons, cores e formas, escuta, fala, pensamento e imaginação, espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Portanto, é na Educação Infantil que a criança amplia sua autopercepção, assim como a percepção do outro, o corpo das crianças ganha centralidade e, por isso é de grande importância para a criança da

Educação Infantil o contato com as artes visuais, música, teatro, dança, audiovisual e etc.

Quando a criança brinca desenvolve aspectos cognitivos, interpreta papéis sociais, amplia significados, a imaginação é estimulada e a partir da brincadeira expressa emoções e sentimentos. O Centro de Educação Infantil onde foi realizada a pesquisa tem o objetivo de alcançar melhores resultados através das crianças, aplicando avaliações, provas ao longo do ano, ou seja, as leis que regulam a avaliação nessa etapa de ensino não são respeitadas.

Nas narrativas das crianças constatamos que elas referem-se aos aspectos lúdicos e pedagógicos na rotina escolar, ou seja, elas destacam o que mais gostam refere-se ao brincar e às atividades relacionadas à escolarização. Entretanto, verificamos que tem dois alunos que se contrariam (menino 3) disse que não gosta da tarefa porque “[...] eu não gosto de fazer o dever, não gosto de fazer o alfabeto, nem meu nome, porém, quando perguntamos, o que seria legal fazer na tarefa ele nos respondeu dizendo que seria legal “fazendo o alfabeto e os números” (menino 4) “eu gosto de matemática e não gosto de aprender, ou melhor, na educação infantil a brincadeira em sala de aula não deve ser realizada apenas para o divertimento das crianças, mas para a construção do conhecimento através do lúdico.

Verificamos em suas narrativas que elas pontuam o que menos gostam se refere aos aspectos lúdicos e pedagógicos, ou seja, elas destacam que é bom estudar para aprender, tirar nota boa, aprender a ler, para fazer avaliação e aprender os lados. Observamos também que elas pontuam que não gostam de brincar pois, tem outras crianças que batem nelas, na hora da aula segundo elas não podem ficar conversando porque dessa forma não conseguem aprender, algumas crianças ressaltam que ficam sem recreio quando não conseguem acabar à atividade antes de terminar a aula, ou melhor dizendo, os profissionais da Educação aplicam castigos e dessa maneira podemos perceber o quanto a infância e ludicidade no âmbito escolar é deixado de lado para se obter resultados.

Em nosso diálogo com as crianças, elas também demonstraram algumas situações que vivenciam com suas famílias, elas falaram que não fazem as atividades de casa porque “minha mãe não me ajuda”, “minha mãe fica deitada

assistindo novela”, “meu pai trabalha a noite”, isso mostra que os pais acham que é somente na escola que se estuda.

4 Considerações finais

O principal objetivo do artigo foi descrever e investigar através das narrativas de quinze crianças da Educação Infantil V “B” em um Centro de Educação Infantil – CEI - sobre o que elas mais gostam e menos gostam na escola.

As narrativas das crianças me fizeram refletir sobre suas vivências no Centro de Educação Infantil e a partir da escuta sensível foi possível proporcionar espaço de escuta. Também pude perceber que fazer pesquisa com crianças nos permite entender que elas têm um conhecimento sobre o mundo, isto é, cada vez mais compreendo o quanto é importante a pesquisa qualitativa, com abordagem em narrativas de crianças na educação atual. Assim pude compreender mais sobre os desafios que perpetuam na educação infantil nos dias atuais por parte do sistema educativo, como por exemplo, valorização do aprender brincando na sala de aula.

Entendemos que no exercício da escuta de crianças foi possível pensar sobre a infância vivida pelas crianças na escola, deixando claro a importância da escuta sensível sobre o andamento formativo delas para que existam possibilidades de modificação das formas de práticas docentes onde o professor (a) considere o que a criança diz em seu processo de aprendizagem. Em suas falas as crianças trazem como base, suas vivências na educação infantil, descrevendo o que elas gostam e não gostam na escola.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete. A pesquisa com crianças em infâncias e a Sociologia da Infância. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Org.). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011. cap. 1, p. 17-34.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, especial, p. 1059-1083, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2028100.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2021.

BROSTOLIN, M. R.; AZEVEDO, A. P. Z. A participação da criança na pesquisa: entre possibilidades e limites. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-19, 2021.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FORTUNA, Tânia Ramos. Brincar é aprender. In: GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet. **Jogos e ensino de História**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018. (Série Ensino, Aprendizagem e Tecnologias).

FORTUNA, Tânia Ramos. Por uma pedagogia do brincar. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, ano 19, n.109, p.30-35, jan./fev. 2013.

LANI-BAYLE, Martine. **A criança e sua história**. Por uma clínica narrativa. Trad. Maria da Conceição Passeggi, Sandra Maia Vasconcelos. Natal: EDUFRN, 2018.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Nada para a criança, sem a criança: o reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto)biográfica. In: MIGNOT, Ana Chrystina; SAMPAIO, Carmen Sanches; PASSEGGI, Maria da Conceição (Orgs.). **Infância, aprendizagem e exercício da escrita**. Curitiba: CRV, 2014.

PINHEIRO, Ângela de Alencar Araripe; GOLDBERG, Luciane Germano. O abandono me protege: **da pesquisa com crianças em acolhimento institucional**. In: OLINDA, Maria Braga de; GOLDBERG, Luciane Germano (Orgs.). **Pesquisa (Auto)Biográfica em Educação**: afetos e (trans)formações. Fortaleza: EdUECE, 2017.

ROSADO, Cristine Tinoco da Cunha Lima; CAMPELO, Maria Estela Costa Holanda. A voz das crianças sobre sua educação escolar no Rio Grande do Norte. **Revista Educação em Questão**, n. 24, p. 238 – 266, 2010.

ⁱ **Maria Vanderlane Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8935-3077>

Graduada de Pedagogia na Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)Biográficas – GEPAS, bolsista de Iniciação Científica e Tecnológica – FUNCAP, do Projeto de Narrativas (Auto)Biográficas das crianças em espaços escolares e não escolares sobre ser criança, viver a infância, escola e processo ensino-aprendizagem.

Contribuição de autoria: Escrita e análise do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6423810632033616>

E-mail: vanderlane192000@gmail.com

ⁱⁱ **Andrea Abreu Astigarraga**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9614-1999>

Pós-Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2010). Professora Associada na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas (auto)biográficas - GEPAS.

Contribuição de autoria: escrita e análise do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6355941154537341>

E-mail: astigarragaandrea@yahoo.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

SILVA, Maria Vanderlane; ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. As narrativas das crianças do Infantil V sobre o que elas gostam e não gostam na escola. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.